

MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009. 144 p.

Janine Resende Rocha

Universidade Federal de Minas Gerais

O imperativo “Para o leitor ler de/vagar”¹ inscreve no título do poema de Herberto Helder a lentidão como código e a errância do leitor, por assim dizer. O título condiz com uma profícua teoria da poesia, mesmo que condensada, segundo a qual o significante poético prima por um sentido permanentemente ausente, ou seja, um sentido nímio, que se desloca, que se recria, que se renova – sendo, assim, um sentido em movimento. Esse sentido implica um caráter assimétrico, pois a doação de sentido obriga a produção de uma diferença entre a expressão literária e a da leitura, uma vez que o sentido

não é imanente ao texto. Tal caráter mostra-se ainda mais aguçado no caso do texto poético, que distingue melhor o “diálogo com a ausência”² ao acentuar a intransitividade como característica, instituída pela linguagem poética e por aspectos não semânticos dessa linguagem, como som e ritmo.

O corolário dessa rápida reflexão é que a poesia explora mundos muito singulares, como Ana Martins Marques orchestra nos poemas reunidos em *A vida submarina*, seu livro de estréia, em que a autora abraça a lentidão do poema, declarada no dístico de “Relógios”:

¹ HELDER. Para o leitor ler de/vagar. In: HELDER. *Ou o poema contínuo*, p. 128-131.

² PAZ. *O arco e a lira*, p. 15.

Nos poemas o ponteiro dos segundos é mais lento que o das horas.

Os mundos orquestrados por Ana proclamam o “hábito feliz das palavras” numa dicção intimista e confessional, encenada – à maneira de Ana Cristina Cesar – em “Confissão”, “Bilhete” e “Diário (verão de 2007)”, mas igualmente cintilante nos demais poemas, que se nutrem de declarações, escrevem desenhos, rastreiam memórias, personalizam listas e definições, revelam segredos e “pensamentos submarinos”.

Refletido no gesto poético, esse hábito incentiva a metalinguagem, mote da seção “Barcos de papel”, a primeira do livro, em que o eu-lírico constitui o poema como circunscrição reflexiva que se apresenta como medida da incompreensão, do risco, do incomensurável, do vazio e do amor. Esses parâmetros confluem para poemas que, ao longo das demais sessões, possuem como aparato um campo semântico que reitera o dia e a noite – cuja contigüidade, neste caso, torna-se periclitante –, o mar com sua vida marítima, as sensações do corpo, a memória, a falta e o silêncio.

Em *A vida submarina*, a engrenagem poética pretende um elo entre a episteme do mundo e a epiderme do corpo, como explicita o poema “Dardo”, da seção intitulada “Episteme & epiderme”:

Existe o corpo,
o eixo dos joelhos, as dobras,
a força teatral dos membros, o
gosto acre,
o extremo silêncio,
as mãos pendentes.
Existe o mundo,
as savanas e o iceberg,
as horas velozes, o falcão,
o crescimento secreto
das plantas, o repouso dos objetos
que envelhecem no uso, sem dor.
Existe o poema,
um dardo atirado a coisas mínimas,
à noite, às cicatrizes.
Um secreto amor os une,
as mãos na água, a memória do verão,
o poema ao sol.

“Dardo” é um poema significativo não só por consagrar o diálogo entre mundo, corpo e poesia, mas também por matizá-lo: trata-se de um colóquio que privilegia o recôndito – exaltado nos imperiosos chamados do mar e da noite –, o detalhe, o esvaído, o sobressalto.

A instância poética confia a vivência do desconcerto sentido pelo eu-lírico, condição que estabelece um contraste entre o “hábito feliz das palavras” e o espanto suscitado pelo mundo, visto como “estranho” e “imperfeito”. Contudo, ao atender aos chamados do mar e da noite, o poema permite que o eu-lírico caminhe rente ao imponderável, trilha consumada em “Noite adentro”, em que a congruência entre o mar e a noite é evidenciada:

Atado a um barco na noite
o sono curva-se sobre si mesmo,
entregue ao movimento secreto das
ondas.

[...]
Neste quarto, noite adentro, percebe-se
a presença perturbadora do mar:
nas estantes, nos tapetes, nos móveis
submersos.

Nas paredes lisas de cansaço.
Sou jogada no sono de um sonho a
outro,
lançada entre corais, como um peixe
que dorme na ressaca.

Quando for preciso novamente
acordar para o dia,
o mar terá se afastado lentamente
e voltado a ocupar o lugar onde o vejo
pela janela esquerda do quarto.

Na “praia de palavras” dos poemas de *A vida submarina*, o eu-lírico oscila entre mergulhos mais profundos, caros aos “escafandristas”, e a “linha de arrebentação”. *A vida submarina* aproxima, então, os universos do poema, da noite e do mar, estimula o eu-lírico a explorar mundos comumente inacessíveis e a transpor novas possibilidades, como a última estrofe de “A outra noite” expressa:

na noite do poema
outra noite
se anuncia.

No poema que dá título ao livro o eu-lírico urge em dizer que os domínios da *vida submarina* traduzem o “esplendor”, o desejo e uma interioridade ancestral, que são incomunicáveis e que não irrompem na superfície.

De volta à linha de arrebentação, o fulgor cede passagem aos resíduos desfalecidos que o mar devolve:

Há um conhecimento na desordem:
as ondas arrastam e trazem coisas
para a praia
– plástico, estrelas, conchas, cabelos.

Oferendas para a luz
inútil
do dia.

Ao emergir, o eu-lírico atém-se ao remanescente, que exala o tempo passado nos objetos envelhecidos, nas fotografias, nas lembranças, no

amor que acaba. O título do poema de Helder mencionado no início desta resenha vale como uma boa orientação para o leitor, que, ao explorar *A vida submarina*, de Ana Martins Marques, encontrará rotas em profusão.

Referências bibliográficas

HELDER, Herberto. *Ou o poema contínuo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. 568 p.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 368 p.